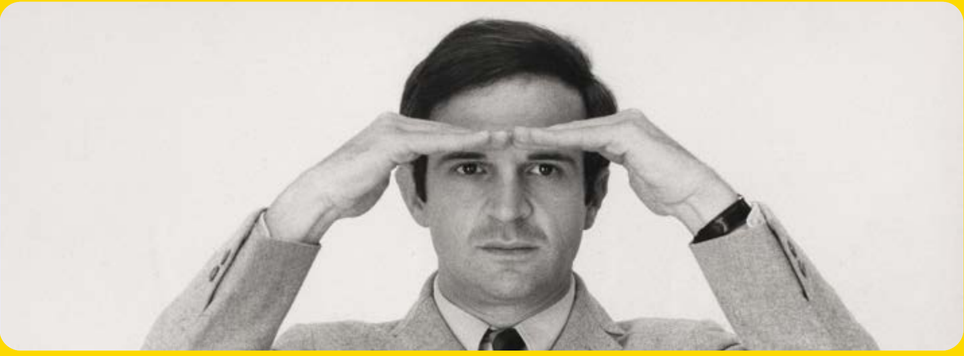
TRUFFAUT

POR COMPLETO



sesc

FILMES DO Estação

ÍNDICE

Truffaut e seu legado / SESC 3

Aprender a sentir vendo (Texto de abertura por Maria Mendes) 4

François Truffaut: “fui um crítico feliz” (Ensaio por Pedro Butcher) 6

Longas-metragens

- Os Incompreendidos 10
- Atirem no Pianista 11
- Jules & Jim 12
- Um Só Pecado 13
- Fahrenheit 451 14
- Beijos Roubados 15
- A Noiva Estava de Preto 16
- A Sereia do Mississipi 17
- O Garoto Selvagem 18
- Domicílio Conjugal 19
- As Duas Inglesas e o Amor 20
- Uma Jovem Tão Bela Quanto Eu 21
- A Noite Americana 22
- A História de Adèle H. 23
- Na Idade da Inocência 24
- O Homem Que Amava as Mulheres 25
- O Quarto Verde 26
- O Amor em Fuga 27
- O Último Metrô 28
- A Mulher do Lado 29
- De Repente, Num Domingo 30

Curtas-metragens

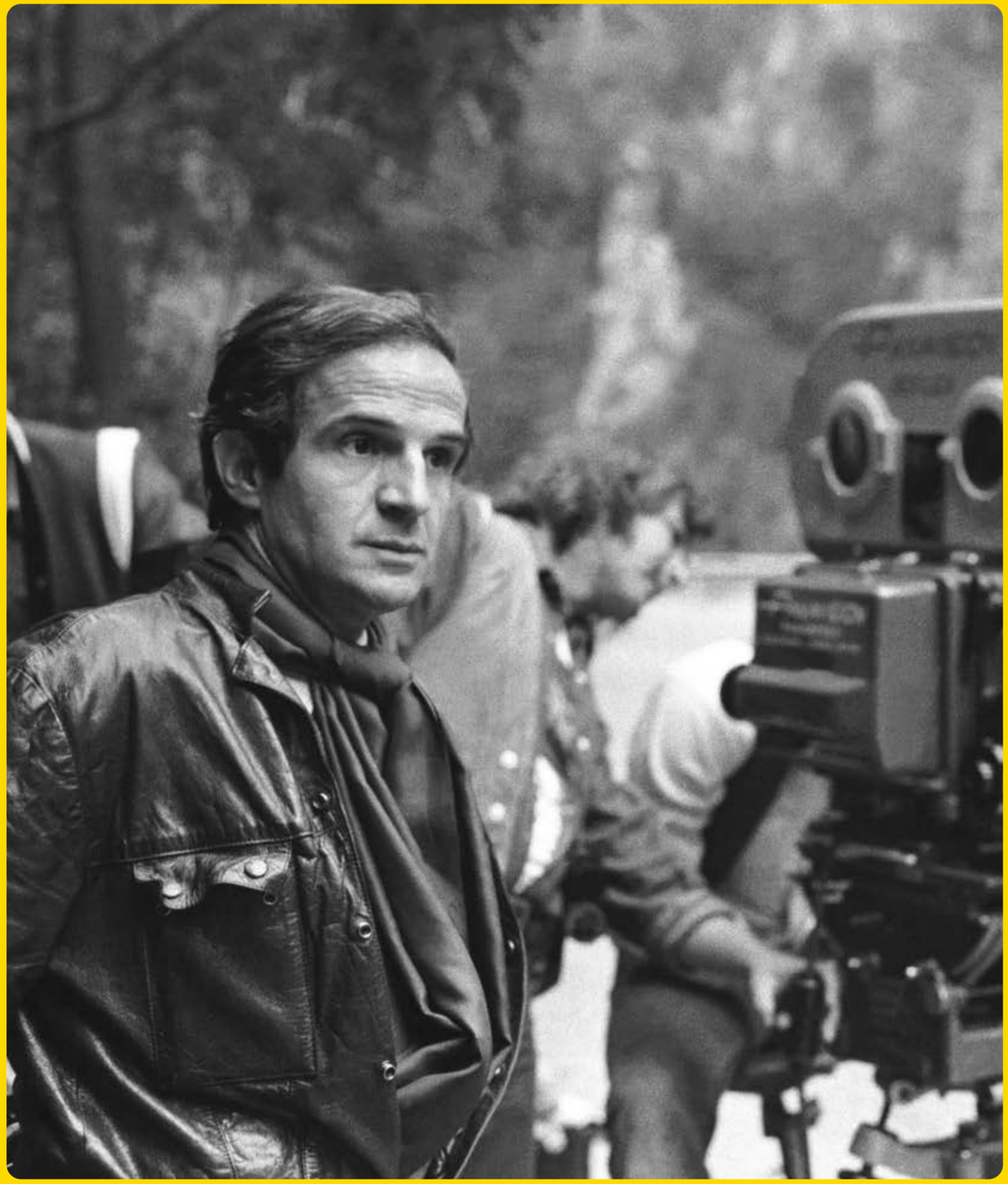
- Os Pivetes 32
- Antoine & Colette 33

Documentários

- Godard, Truffaut & a Nouvelle Vague 35
- François Truffaut ou o Espírito Crítico 36

Programação

- Grade de exibição no CINESESC 38



TRUFFAUT & SEU LEGADO

O trabalho desenvolvido pelo Sesc com as linguagens audiovisuais tem entre seus objetivos a ampliação do acesso do público brasileiro às obras de autores essenciais do cinema mundial. A qualidade desse contato, propiciada pelo rigor técnico e por estratégias diversas de mediação, visa estimular tanto a formação de novos apreciadores como a fruição de pessoas já identificadas com a cinefilia. A realização de mostras monográficas auxilia, igualmente, na preservação da memória audiovisual.

Este é o caso de Truffaut por Completo, retrospectiva dedicada à filmografia do cineasta francês François Truffaut (1932-1984), nome de proa da Nouvelle Vague e referência da história da sétima arte. O programa da mostra, elaborado junto à distribuidora Filmes do Estação, abrange 23 longas-metragens e dois curtas dirigidos por Truffaut, e ainda dois documentários sobre o mestre da direção, incluindo cópias restauradas em 4K. Parte das exibições conta, ainda, com a presença de especialistas convidados a dialogar com a audiência.

Estão contemplados filmes de diferentes fases do autor, dos clássicos aos títulos menos difundidos – ambos importantes para a compreensão de sua trajetória. Com obras que vão do final dos anos 1950 ao início dos 80, a seleção reflete seus percursos temáticos e estéticos: da juventude e suas inquietações à reflexão sobre o fazer cinematográfico, permeado por narrativas orientadas pelos afetos, conflitos íntimos, crítica social e, também, por experimentações que desconstruíam o cinema tradicional.

Com esse panorama, o Sesc reitera a sua proposta democratizadora dos bens simbólicos, na mesma medida em que contribui para a manutenção e circulação do legado de um dos pioneiros da cinematografia moderna.

Sesc São Paulo

APRENDER A SENTIR VENDO

Apresentar uma retrospectiva completa dos filmes de François Truffaut é contar a história de uma sensibilidade em formação. Ao observar um cineasta que experimentou, de diversas formas, transformar a própria vida em ficção, entendemos o sentido de uma de suas mais conhecidas frases: “eu sempre preferi o reflexo da vida à própria vida". Truffaut filmou movido pelo desejo de compreender o mundo e, ao fazê-lo, aprender a sentir novamente. Seu percurso, da infância protegida pelas salas escuras às experimentações da Nouvelle Vague, é a narrativa de uma educação sentimental pela imagem. Não à toa, dizia: “eu faço filmes que gostaria de ter visto quando era jovem”.

Seu primeiro longa-metragem, Os Incompreendidos (1959) é também o mais pessoal. Através do olhar do famoso alter-ego de Truffaut, o personagem Antoine Doinel, que viria a compor uma pentalogia, o filme recria com sensibilidade as provações da infância do cineasta, retratando sem sentimentalismo os pais distantes, os professores opressores e os pequenos delitos cometidos por ele e pelo melhor amigo como gestos de rebeldia. Os Incompreendidos rendeu a Truffaut o prêmio de Melhor Diretor em Cannes e marcou a passagem do crítico de destaque a autor inovador da Nouvelle Vague francesa.

Ao longo de apenas vinte e um longas-metragens, num percurso interrompido pela morte precoce, Truffaut construiu uma filmografia surpreendentemente diversa, marcada por uma constante inquietação emocional praticamente indissociável de sua curiosidade formal. A série de Antoine Doinel, sob uma aparência leve e por vezes brincalhona, pulsa em paixões e contradições profundas. Em Um só pecado, a história de infidelidade conjugal se desdobra numa estrutura ousada, composta por quase mil planos, metade deles dedicados apenas ao rosto de Jean Desailly. É um estudo minucioso de desejo e fragilidade, que reflete a permanente tentativa de compreensão e aprendizado mediados pela câmera.

Suas adaptações literárias, como Atirem no Pianista (1960), A Noiva Estava de Preto (1968) e De Repente, num Domingo (1983), revelam a intimidade de Truffaut com o pulp americano e seu prazer em reinventar o thriller. Outros filmes lançam um olhar agudo sobre temas como a intolerância social (O Garoto Selvagem, 1970), a repressão cultural (Fahrenheit 451, 1966) e a morte, filtrada pela sensibilidade de Henry James em O Quarto Verde (1978). E poucos cineastas teriam sido capazes de transformar a escrita delicada de Henri-Pierre Roché em obras tão duradouras quanto Jules e Jim (1962) e As Duas Inglesas e o Amor (1971), verdadeiros estudos sobre a memória, o tempo e o desejo.

Na maior parte de seus filmes, a montagem, ágil e fragmentada, organiza-se em lampejos — episódios breves, cenas que se encerram antes que possamos nos entregar por completo à sua dramaturgia. Esses fragmentos, conectados muitas vezes apenas por narrações diretas e desprovidas de ênfase, criam uma estranha melancolia: interpretam ao mesmo tempo que afastam, recordando-nos, a cada gesto, que as vidas que vemos já não existem senão na memória das imagens.

Como nas primeiras cenas de Jules e Jim, iluminadas por uma energia quase musical, que capturam a alegria de dois jovens que descobrem literatura, amor e amizade como se estivessem descobrindo a própria existência. Truffaut filmou essa exuberância com um duplo olhar: o do artista que reencontra a criança maravilhada pelo cinema e o do crítico que percebe, por trás do impulso, a precisão secreta do gesto criativo. Sentimos a alegria de quem, ao fazer um filme, parece ouvir pela primeira vez uma linguagem misteriosa falada em sua própria voz.

A sabedoria da obra inteira de Truffaut, equilibrada entre a paixão, a curiosidade e a melancolia, parece ser a percepção de que o desgaste, a desilusão e o fracasso não anulam o valor dos impulsos que os precederam. E por isso filmou as suas paixões, suas ideias mais vivas, com a consciência de que elas um dia também seriam passado.

Maria Mendes

Jornalista, curadora e mestre em cinema pela Goldsmiths, Universidade de Londres

ENSAIO

FRANÇOIS TRUFFAUT: "FUI UM CRÍTICO FELIZ"

Muito se fala sobre François Truffaut, o cineasta da Nouvelle Vague, mas, hoje, pouco se fala de François Truffaut, crítico de cinema. Antes de fazer filmes, Truffaut escreveu críticas – uma divisão, na verdade, um tanto artificial para uma geração que via o fazer cinematográfico em muitas dimensões interconectadas, muito mais complexas do que a unidimensional visão do "produzir". Jean-Luc Godard chegou a dizer que, quando escrevia críticas, já estava fazendo cinema.

Entre o fim dos anos 1980 e o começo dos anos 1990, o lançamento no Brasil de pelo menos quatro livros – "Hitchcock Truffaut: Entrevistas", "Os filmes da minha vida", "O cinema segundo François Truffaut" e "François Truffaut: Uma biografia" – evidenciaram a influência do Truffaut crítico, tão ou mais relevante que sua influência por trás de uma câmera.

"Os filmes da minha vida", uma reunião de textos publicados entre 1954 e 1975 organizada pelo próprio Truffaut, demonstra a forma apaixonada e cirúrgica com que ele se aproxima dos filmes. Os textos evidenciam suas adesões e recusas, moldadas por olhos e ouvidos atentos, treinados para receber o filme como uma forma, mas que, ao contrário do que possa parecer, não se limita a uma análise formalista. Truffaut contextualiza, complexifica, e, apesar da ênfase nos diretores que mais o fascinam, há também textos que tiram o foco da realização, como "Perfil de Humphrey Bogart" e "James Dean está morto", sobre dois atores que o impressionam.

"O Cinema Segundo François Truffaut", por sua vez, é uma obra organizada por Anne Gillain, a partir das mais de 300 entrevistas com Truffaut publicadas em revistas francesas, inglesas, canadenses e americanas entre 1959 e 1984. Ainda que as entrevistas sejam sobre seus filmes, todas elas trazem também o Truffaut crítico e cinéfilo, que situa cada um de seus filmes em relação ao seu repertório. Truffaut, escreve Anne, nutre uma paixão por "explicar e convencer", e sentia-se à vontade na sua relação com as palavras. "A essa prática ele acrescentou o brilho de saques críticos inéditos, definições convincentes e muita profundidade".

"Hitchcock Truffaut", publicado originalmente na França em 1966, e no Brasil vinte anos depois, em 1986, é um livro sobre realização que só poderia ter sido concebido por alguém com um olhar de crítico e cinéfilo. Poucas vezes se viu uma análise tão minuciosa de toda uma obra, revelando seus movimentos, inquietudes e coerência de Hitchcock – livro que, por si só, vale por um curso inteiro de cinema.

Já "François Truffaut: uma biografia" deixa claro como vida e cinema foram inseparáveis em sua trajetória e destaca a importância da crítica e sua fase como colaborador da revista Cahiers du Cinéma, ao lado dos chamados "jovens turcos". Na excelente pesquisa de Antoine De Baeque e Serge Toubiana, entendemos como a difícil infância de Truffaut o levou a buscar refúgio no cinema (não por acaso, uma de suas frases mais famosas é "O cinema é mais harmonioso que a vida").

Truffaut nasceu em 6 de fevereiro de 1932, filho de Janine de Monferrand, de apenas 19 anos, e pai desconhecido. Mãe solo em uma família rigorosamente católica, Janine só comunicou aos pais que estava grávida três meses antes do parto. Um ano depois se casou com Roland Truffaut, que adotou o menino, mas François continuou sendo criado em outra casa, por uma ama de leite. Janine e Roland tiveram um bebê que morreu aos dois meses. Perto de completar três anos, a avó de François, preocupada com o estado de magreza da criança, resolve abrigá-lo, apesar da resistência do marido e da filha. Em casa, o pequeno François é ao mesmo tempo uma lembrança da "vergonha" de uma gravidez fora do casamento e da tristeza da perda do filho nascido no casamento.

O cinema, assim, se torna uma segunda casa. "Eu sentia uma grande necessidade de entrar nos filmes e o conseguia aproximando-me cada vez mais da tela para abstrair-me da plateia", escreve Truffaut, na introdução de "Os filmes da minha vida", intitulada "Com o que sonham os críticos?". "Rejeitava os filmes de época, de guerra e faroestes, que tornavam a identificação mais difícil; adorava os policiais e os filmes de amor. Ao contrário dos espectadores da minha idade, eu não me identificava com os heróis, e sim com os personagens em situação de inferioridade e, mais sistematicamente, com aqueles que estavam errados."

Aos dez anos, em 1942 (já em plena Segunda Guerra, portanto), Truffaut resolveu faltar à escola para ver "Os

visitantes da noite", de Marcel Carné, que finalmente era exibido em um cinema no seu bairro. Na mesma noite, uma tia o convida para ir ao cinema, com o filme já escolhido – era o mesmo. "Tive que revê-lo, fingindo descobri-lo". Nesse momento, ele percebeu como era "cativante penetrar cada vez mais intimamente numa obra admirada". E completa: "Assisti a meus primeiros 200 filmes na clandestinidade, fazendo gazeta, entrando no cinema sem pagar (pela saída de emergência ou pela janela dos banheiros), ou ainda, à noite, valendo-me da ausência dos meus pais e tendo de estar novamente na cama, fingindo dormir, quando voltavam", quando era invadido por um terrível sentimento de culpa.

O surgimento de Truffaut crítico de cinema é a reunião de condições pessoais e histórias específicas. Após a Segunda Guerra Mundial, a França viveu um momento de intensa revitalização da sua cultura cinematográfica. Mas, diferentemente da Itália, onde a realização de filmes teve um papel fundamental na reconstrução do país (graças sobretudo ao fenômeno "Roma Cidade Aberta", de Roberto Rossellini, e o neorrealismo), na França essa revitalização se deu sobretudo por meio da apreciação dos filmes, com o desenvolvimento de uma forte cultura cineclubista e de iniciativas fundamentais na crítica e na preservação. Dois nomes foram fundamentais nesse processo: Henri Langlois (1914-1977) e André Bazin (1918-1958).

Langlois reabriu a Cinemateca Francesa em 1946 e organizou diversas exibições de cópias de filmes que havia resguardado durante a resistência. Bazin, por sua vez, organizou diversos cineclubes, acreditando que a reabilitação da França se daria pelo poder da cultura e do cinema como arte popular. Ao mesmo tempo, o país recebeu de uma vez só toda a produção hollywoodiana que havia sido represada em função da guerra. No primeiro semestre de 1946, mais de 300 filmes americanos chegaram ao circuito francês. A forte presença do cinema americano, ao mesmo tempo que gerou a criação de um órgão de regulação da atividade até hoje exemplar (o Centre National de la Cinematographie, CNC), proporcionou aos jovens que começavam a amar o cinema uma possibilidade de imersão em um dos períodos mais ricos da produção americana, entre 1939 e 1945.

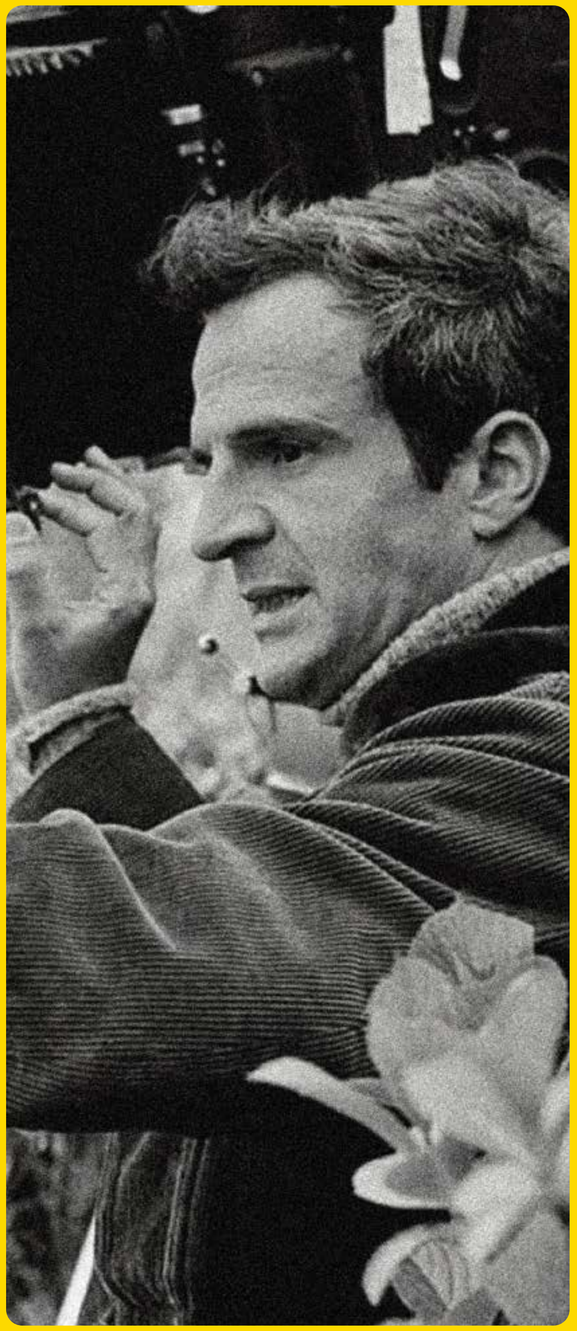
Em Paris, surgiram dezenas de salas especializadas e cineclubes, um ambiente que estimulou o surgimento de uma geração de cinéfilos e críticos. Nessa ocasião se forma um grupo de amigos que terá um papel fundamental na renovação prática do cinema francês alguns anos depois – notadamente François Truffaut, Jean-Luc Godard, Claude Chabrol, Eric Rohmer e Jacques Rivette, conhecidos como "jovens turcos". Eles são convidados por André Bazin para escrever na revista "Cahiers du Cinéma", fundada em abril de 1951.

Em 1954, Truffaut escreveria seu texto mais demolidor e, possivelmente, mais influente. "Uma certa tendência do cinema francês" se tornaria um dos pilares da chamada "política dos autores" e da revolução empreendida pela Nouvelle Vague no fazer e na linguagem do cinema, alguns anos mais tarde. O texto é ao mesmo tempo uma recusa radical do cinema culturalmente aceito na França do pós-guerra como "de qualidade", definido por ele como um "realismo psicológico" que não é "nem realista, nem psicológico", e uma adesão ao cinema considerado inferior pela intelectualidade francesa, principalmente de alguns cineastas americanos tidos como comerciais e vulgares (Alfred Hitchcock entre eles).

No texto "Com o que sonham os críticos?", prefácio de "Os filmes da minha vida", Truffaut descreve seu trajeto como crítico em três estágios: ver muitos filmes, descobrir que nos créditos de filmes favoritos repetiam-se os nomes de alguns diretores (e a partir daí procurar os filmes desse mesmo diretor), e, por fim, rever obsessivamente certas obras para compreender seus mecanismos internos. Esse mergulho obsessivo leva à fundação, ainda adolescente, do cineclube Cercle Cinémaniáque, cujo nome, segundo ele, era "pretensioso, mas revelador".

A fundação do cineclube deixou Truffaut com dívidas que o levaram a cometer pequenos delitos. Foi detido em um reformatório e chegou a ser preso pelo exército. André Bazin o resgatou, levando-o para morar com sua família, arrumando trabalho em várias publicações e contratando-o para realizar uma pesquisa sobre Jean Renoir, que seria tema de seu livro. Truffaut conta que, para além do acolhimento familiar, Bazin conferiu ao jovem cinéfilo um método: a necessidade de "analisar o próprio prazer" e de transformar em reflexão aquilo que era impulso.

No texto, Truffaut se pergunta se foi um bom crítico ("Não sei", ele mesmo responde), mas afirma que sempre esteve "do lado dos vaiados contra os apupadores" – uma postura que define sua ética: a defesa dos filmes vulneráveis, dos



desvios de tom, dos excessos e das imperfeições reveladoras (os “anacronismos de [Jean] Cocteau”, as “negligências de [Marcel] Pagnol”, a “exuberância de [Orson] Welles”, em suas próprias palavras). Por fim, e talvez mais importante, tinha absoluto horror a hierarquias (filmes autorais versus filmes comerciais, dramas psicológicos versus filmes de suspense e policiais, por exemplo).

Para Truffaut, o cinema precisa nascer de uma fricção entre o espetáculo e a vida – o que não depende do valor de produção, nem da escolaridade de quem está por trás das câmeras. “O espetáculo é ascendente”, ele diz, na medida em que promete prazer, ascensão, exaltação, enquanto “a vida é descendente” (decadência, deterioração e morte). Os grandes artistas seriam aqueles que, mesmo operando dentro da lógica da ascensão, conseguem transmitir sua verdade íntima, sem romper esse pacto com o espectador.

Um filme bem-sucedido precisa expressar simultaneamente uma visão de mundo e uma visão de cinema, o que ele enxerga com clareza, por exemplo, em “A Regra do Jogo”, de Jean Renoir, e “Cidadão Kane”, de Orson Welles. Anos depois, aponta uma ligeira mudança de critério. Para interessá-lo, um filme precisaria ser capaz de transmitir a satisfação ou a angústia de fazer cinema.

Truffaut inclui nesse texto algumas reflexões sobre sua passagem da crítica à realização: “A verdade é que ficamos tão vulneráveis no momento de divulgar o resultado de um ano de trabalho que precisaríamos ter nervos de aço para receber imperturbavelmente uma chuva de críticas negativas, mesmo que em dois ou três anos o distanciamento nos aproxime de seu veredito e nos conscientiza do fato de termos desandado a maionese”. Aqui, ele usa a metáfora culinária da “maionese” com o propósito de voltar a Bazin: “Quando eu tinha vinte anos, censurava Bazin porque ele considerava os filmes como maioneses que haviam desandar ou não. Dizia a ele: ‘Você não está vendo que todos os filmes de (Howard) Hawks são bons e todos de (John) Huston são ruins?’, fórmula brutal que, mais tarde, quando por minha vez tornei-me crítico de filmes, esforcei-me para refinar um pouco: ‘O pior filme de Hawks é mais interessante que o melhor filme de Huston’”.

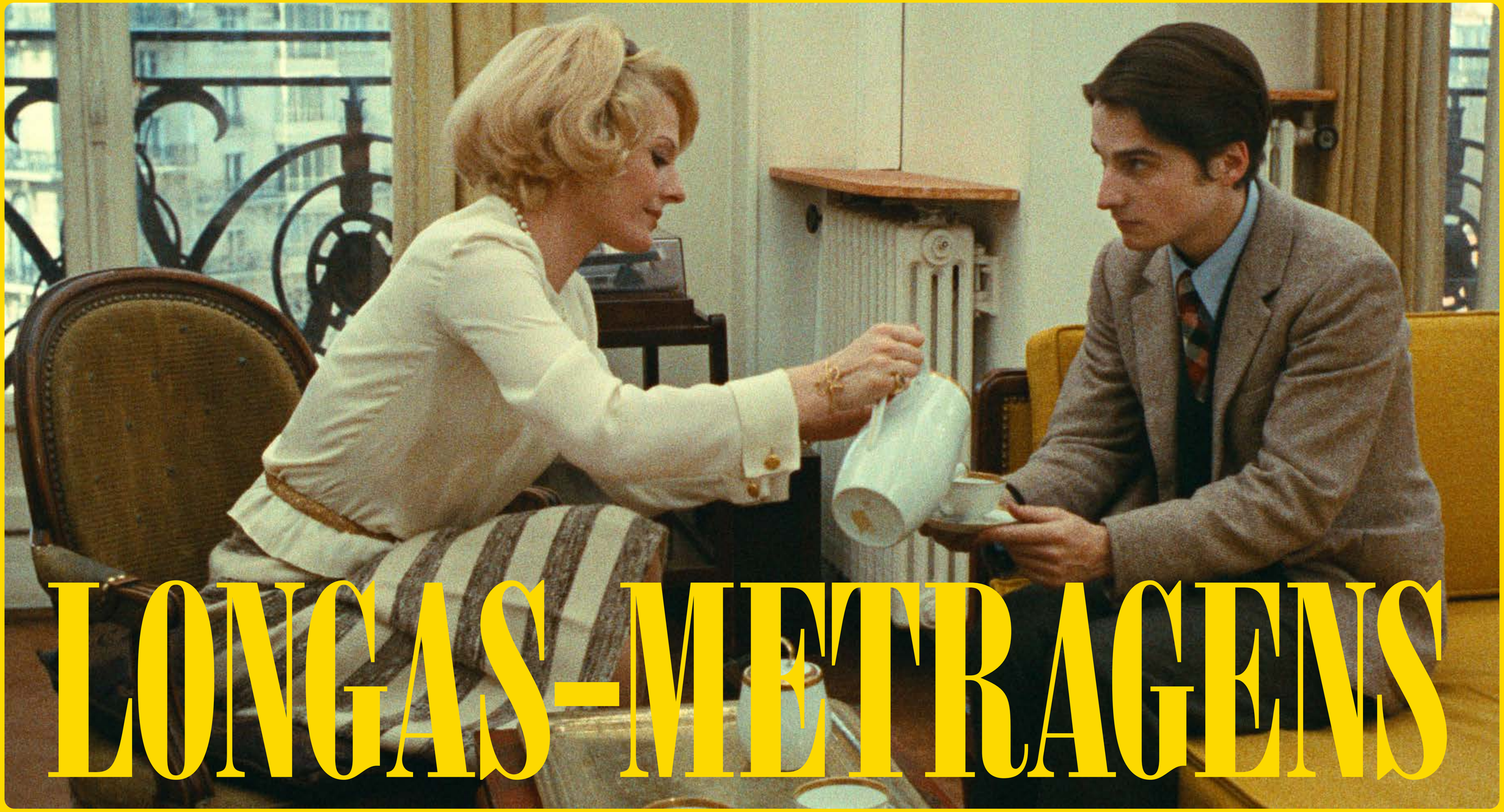
Truffaut elenca ainda algumas conclusões que vieram com a prática da direção: 1) Sofre-se tanto para fazer um mau filme quanto um bom; 2) Nosso filme mais sincero pode parecer uma mistificação; 3) Aquele que fazemos com mais descaso pode vir a dar a volta ao mundo; 4) Um filme idiota mas enérgico pode ser melhor cinema que um filme inteligente e frouxo; 5) O resultado é raramente proporcional ao esforço empreendido. “O sucesso na tela não será forçosamente o resultado de um bom funcionamento de nosso cérebro, mas sim da harmonia entre elementos preexistentes dos quais nem mesmo tínhamos consciência: a feliz fusão do tema escolhido com nossa consciência profunda, a imprevisível coincidência entre nossas preocupações naquele momento da nossa vida e as do público naquele momento da atualidade”, conclui.

Um elemento fundamental do pensamento de Truffaut-crítico o conecta à fase cineclubista e à tão importante e negligenciada esfera da circulação dos filmes. Para ele, “comerciais ou não, todos os filmes eram comercializáveis”. Afirma ainda que, depois da Nouvelle Vague e de sua expansão, “os bons filmes deixaram de chegar apenas de cinco a seis países, para provirem de todas as partes do mundo”. Caberia à crítica, então, “lutar para conseguir uma melhor difusão de todos os filmes que são realizados”.

Por fim, Truffaut conclui: “Fui um crítico feliz”.

Pedro Butcher

Crítico, curador e professor do
curso de cinema e audiovisual da ESPM-RJ



LONGAS-METRAGENS

LES QUATRE CENTS COUPS

OS INCOM-PREENDIDOS

1959 | 99 MIN | DRAMA | 14 ANOS

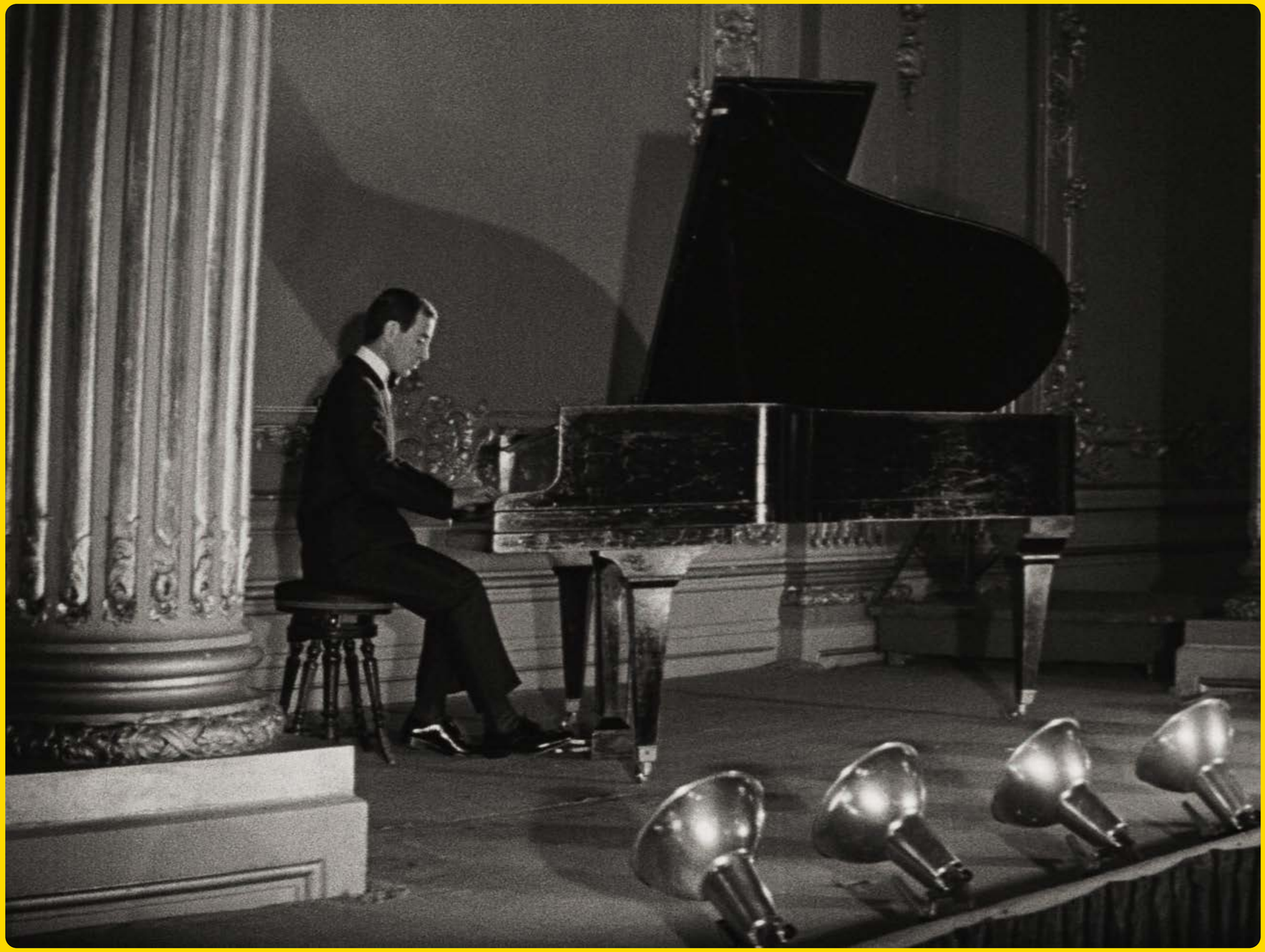
Para o jovem parisiense Antoine Doinel, a vida não passa de uma complicação atrás da outra. Cercado por adultos sem consideração, incluindo seus pais, que não prestam atenção nele, Antoine passa os dias vagando pelas ruas com seu melhor amigo, matando aula e cometendo pequenos furtos. Quando um dos planos dá errado, Antoine acaba internado num reformatório juvenil.

ELENCO

Jean-Pierre Léaud, Claire Maurier, Albert Rémy

DIREÇÃO

François Truffaut



TIREZ SUR LE PIANISTE

ATIREM NO PIANISTA

1960 | 85 MIN | CRIME/SUSPENSE | 14 ANOS

RESTAURADO EM 4K

Charlie Kohler, o modesto pianista do bistrô de Plyne, é triste, distraído e discreto. A garçonete do local, Léna, está apaixonada por ele, e sabe que o seu nome verdadeiro é Edouard Saroyan, que foi um grande concertista e que passou a esconder a identidade e o passado após o suicídio da esposa.

ELENCO

Charles Aznavour, Marie Dubois, Nicole Berger

DIREÇÃO

François Truffaut

JULES ET JIM

JULES & JIM

1962 | 106 MIN | ROMANCE/DRAMA | 14 ANOS

Jules e Jim mostra, ao longo de vinte e cinco anos, o relacionamento entre dois amigos, um austríaco e um francês, e o objeto de sua obsessão mútua, a bela Catherine. Um dos triângulos românticos mais cativantes do cinema, é uma reflexão sobre liberdade, lealdade e a fortaleza do amor.

ELENCO

Henri Serre, Oskar Werner, Jeanne Moreau

DIREÇÃO

François Truffaut

LA PEAU DOUCE

UM SÓ PECADO

1964 | 119 MIN | ROMANCE/DRAMA | 14 ANOS

RESTAURADO EM 4K

Pierre Lachenay é um escritor bem sucedido de meia-idade, casado há 12 anos e pai da jovem Sabine. Durante uma viagem para Lisboa, ele inicia um caso com uma aeromoça. No início, a relação extraconjugal acontece ocasionalmente, mas aos poucos sai do controle, causando consequências trágicas.

ELENCO

Françoise Dorléac, Jean Desailly, Nelly Benedetti

DIREÇÃO

François Truffaut

FAHRENHEIT 451

FAHRENHEIT 451

1966 | 113 MIN | FICÇÃO CIENTÍFICA | 14 ANOS

Adaptação do livro homônimo de Ray Bradbury que imagina uma sociedade do futuro que baniu todos os materiais de leitura. O trabalho dos bombeiros é manter as fogueiras a 451 graus, a temperatura que o papel queima. No meio do totalitarismo e da apatia, um bombeiro começa a repensar o sistema depois de conhecer uma mulher e perceber que ela prefere morrer a ver sua biblioteca destruída.

ELENCO

Julie Christie, Oskar Werner, Cyril Cusack

DIREÇÃO

François Truffaut

BAISERS VOLÉS

BEIJOS ROUBADOS

1968 | 90 MIN | COMÉDIA/ROMANCE | 14 ANOS

1968. O jovem parisiense Antoine Doinel foi dispensado do serviço militar por indisciplina, volta à vida civil sem muita certeza do que fazer. Passando por empregos temporários, ele acaba por enfrentar muitas desventuras. Entre encontros, desencontros e passeios por Paris, o filme mostra Antoine como um eterno instável que oscila entre o desejo de liberdade e a vontade de assumir um amor mais maduro.

ELENCO

Jean-Pierre Léaud, Claude Jade, Delphine Seyrig

DIREÇÃO

François Truffaut

LA MARIÉE ÉTAIT EN NOIR

A NOIVA ESTAVA DE PRETO

1968 | 107 MIN | CRIME/DRAMA | 14 ANOS

Julie Kohler é uma jovem viúva que busca vingança contra os homens responsáveis pela morte de seu marido, assassinado nos degraus da igreja logo após o casamento.

ELENCO

Jeanne Moreau, Michel Bouquet, Jean-Claude Brialy

DIREÇÃO

François Truffaut

LA SIRÈNE DU MISSISSIPI

A SEREIA DO MISSISSIPI

1969 | 123 MIN | DRAMA/ROMANCE | 14 ANOS

Um rico empresário de uma ilha francesa decide se casar às cegas com uma pretendente que conheceu pelo correio. Mesmo depois de perceber que ela não é quem dizia ser, ele continua apaixonado e entrega todo o seu dinheiro. Mas a felicidade dura pouco, pois ela vai embora com todo o dinheiro.

ELENCO

Jean-Paul Belmondo, Catherine Deneuve, Michel Bouquet

DIREÇÃO

François Truffaut

L'ENFANT SAUVAGE

O GAROTO SELVAGEM

1970 | 83 MIN | HISTÓRIA/DRAMA | 14 ANOS

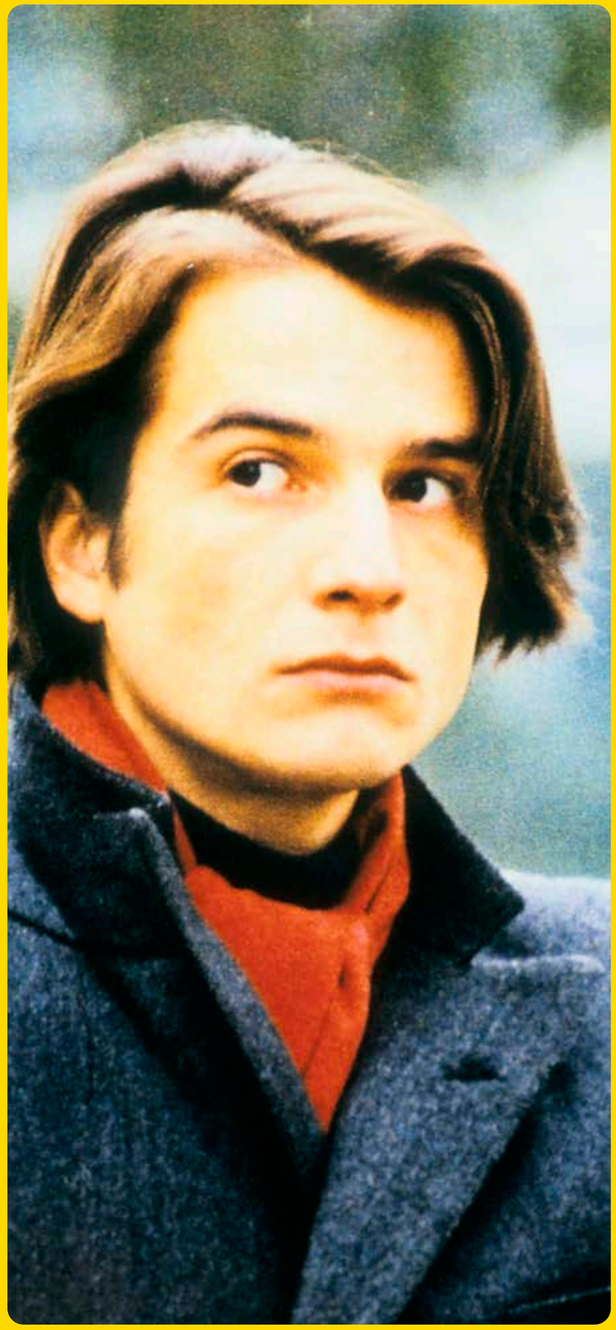
Um menino incapaz de falar, andar, ler ou escrever é encontrado nu em uma floresta na França, vivendo com um bando de lobos. Ele é levado para Paris e um médico tenta ajudá-lo. Baseado em fatos reais.

ELENCO

Jean-Pierre Cargol, François Truffaut, Françoise Seigner

DIREÇÃO

François Truffaut



DOMICILE CONJUGAL

DOMICÍLIO CONJUGAL

1970 | 97 MIN | COMÉDIA/ROMANCE | 14 ANOS

Antoine Doinel está casado com Christine, porém, logo depois do nascimento do primeiro filho, ele tem um caso com a bela japonesa Kyoko. O caso acaba arruinando a relação do casal, mas Doinel não desiste de reconquistar Christine.

ELENCO

Jean-Pierre Léaud, Claude Jade, Daniel Ceccaldi

DIREÇÃO

François Truffaut

LES DEUX ANGLAISES ET LE CONTINENT

AS DUAS INGLESAS & O AMOR

1971 | 130 MIN | DRAMA/ROMANCE | 14 ANOS

No início do século 20, duas irmãs fazem amizade com um jovem escritor francês, o que acaba em um triângulo amoroso. Paixões, rupturas, ilusões e infidelidades acontecem por mais de vinte anos.

ELENCO

Jean-Pierre Léaud, Kika Markham, Stacey Tendeter

DIREÇÃO

François Truffaut

UNE BELLE FILLE COMME MOI

UMA JOVEM TÃO BELA QUANTO EU

1972 | 98 MIN | CRIME/COMÉDIA | 14 ANOS

O filme conta a história de um jovem sociólogo escrevendo uma tese sobre mulheres criminosas. Ele conhece na prisão a inescrupulosa Camille Bliss, acusada de matar seu marido e seu amante. Ela é uma mulher com um forte desejo de ascensão social e fama, e não mede esforços para alcançá-los.

ELENCO

Bernadette Lafont, André Dussollier, Anne Kreis

DIREÇÃO

François Truffaut

LA NUIT AMÉRICAINE

A NOITE AMERICANA

1973 | 116 MIN | COMÉDIA/DRAMA | 14 ANOS

Um diretor tenta terminar seu filme ao mesmo tempo em que observa o drama nas vidas de seus atores. Severine, ícone em decadência, esquece as falas quando bebe, enquanto a atriz britânica Julie acaba de se recuperar de um colapso nervoso.

ELENCO

Jacqueline Bisset, Valentina Cortese, Dani

DIREÇÃO

François Truffaut

L'HISTOIRE D'ADÈLE H

A HISTÓRIA DE ADÈLE H.

1975 | 96 MIN | ROMANCE/DRAMA | 14 ANOS

A história da autodestruição de Adèle Hugo, filha do escritor Victor Hugo, cuja obsessão não correspondida por um soldado inglês a levou em uma odisseia intercontinental de Guernsey à Nova Escócia e Índias Ocidentais.

ELENCO

Isabelle Adjani, Bruce Robinson, Sylvia Marriott

DIREÇÃO

François Truffaut

L'ARGENT DE POCHE

NA IDADE DA INOCÊNCIA

1976 | 104 MIN | COMÉDIA/DRAMA | 14 ANOS

As mudanças e descobertas da adolescência do ponto de vista de dois meninos, Patrick e Julien. A amizade e a relação entre eles cresce no verão de 1976, com o surgimento dos primeiros amores e o relacionamento com as suas famílias e os professores.

ELENCO

Jean-François Stévenin, Virginie Thévenet, Chantal Mercier

DIREÇÃO

François Truffaut

L'HOMME QUI AIMAIT LES FEMMES

O HOMEM QUE AMAVA AS MULHERES

1977 | 119 MIN | COMÉDIA/ROMANCE | 14 ANOS

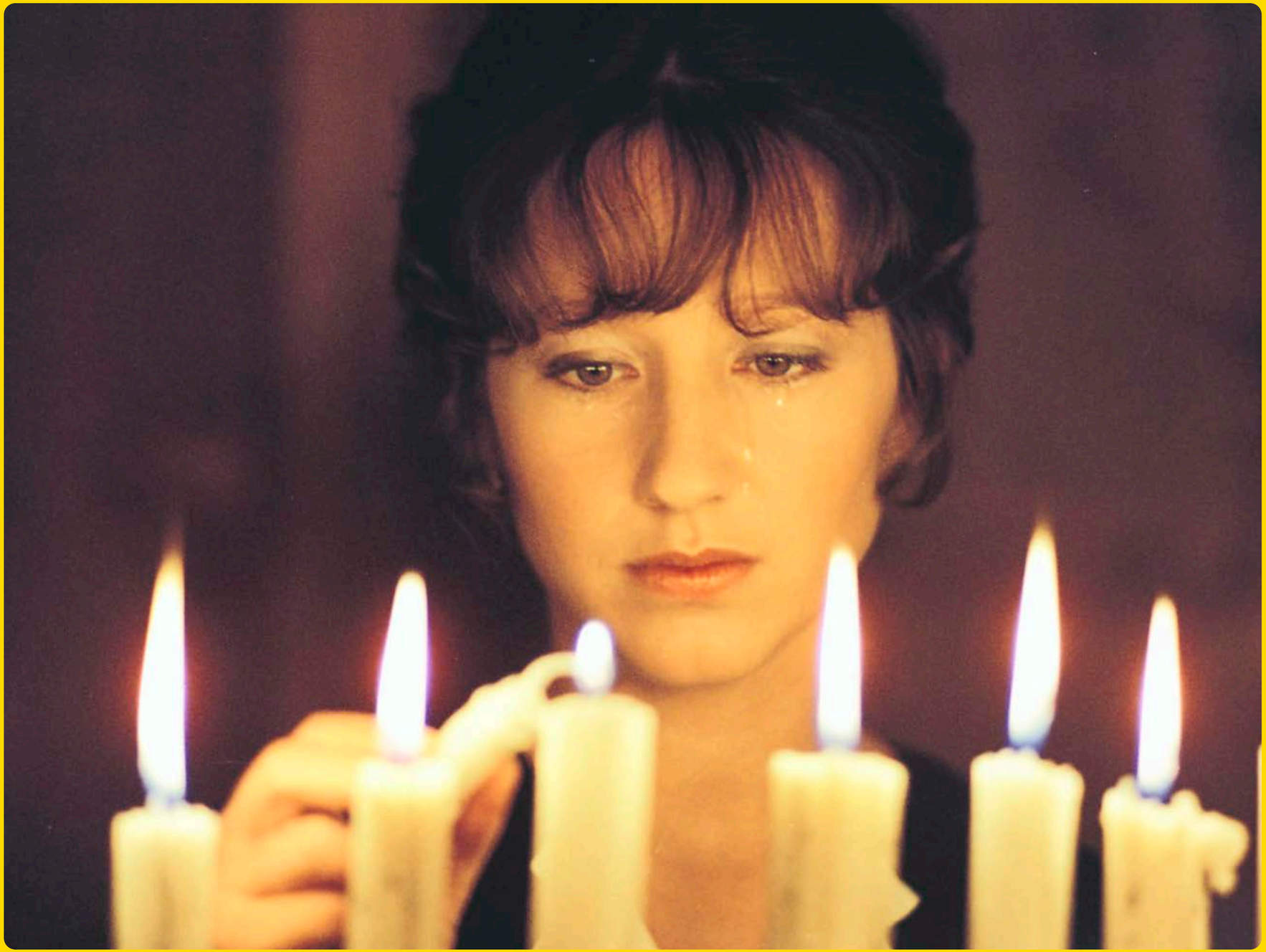
Os encontros e relações amorosas de Bertrand Morane desde a sua primeira relação sexual, ainda jovem, até aos 40 anos. A trama tem início durante o enterro de Bertrand, e é narrada por uma de suas amantes, a bela Geneviève Bigey, a partir da biografia deixada por ele.

ELENCO

Charles Denner, Leslie Caron, Nelly Borgeaud

DIREÇÃO

François Truffaut



LA CHAMBRE VERTE

O QUARTO VERDE

1978 | 95 MIN | DRAMA | 14 ANOS

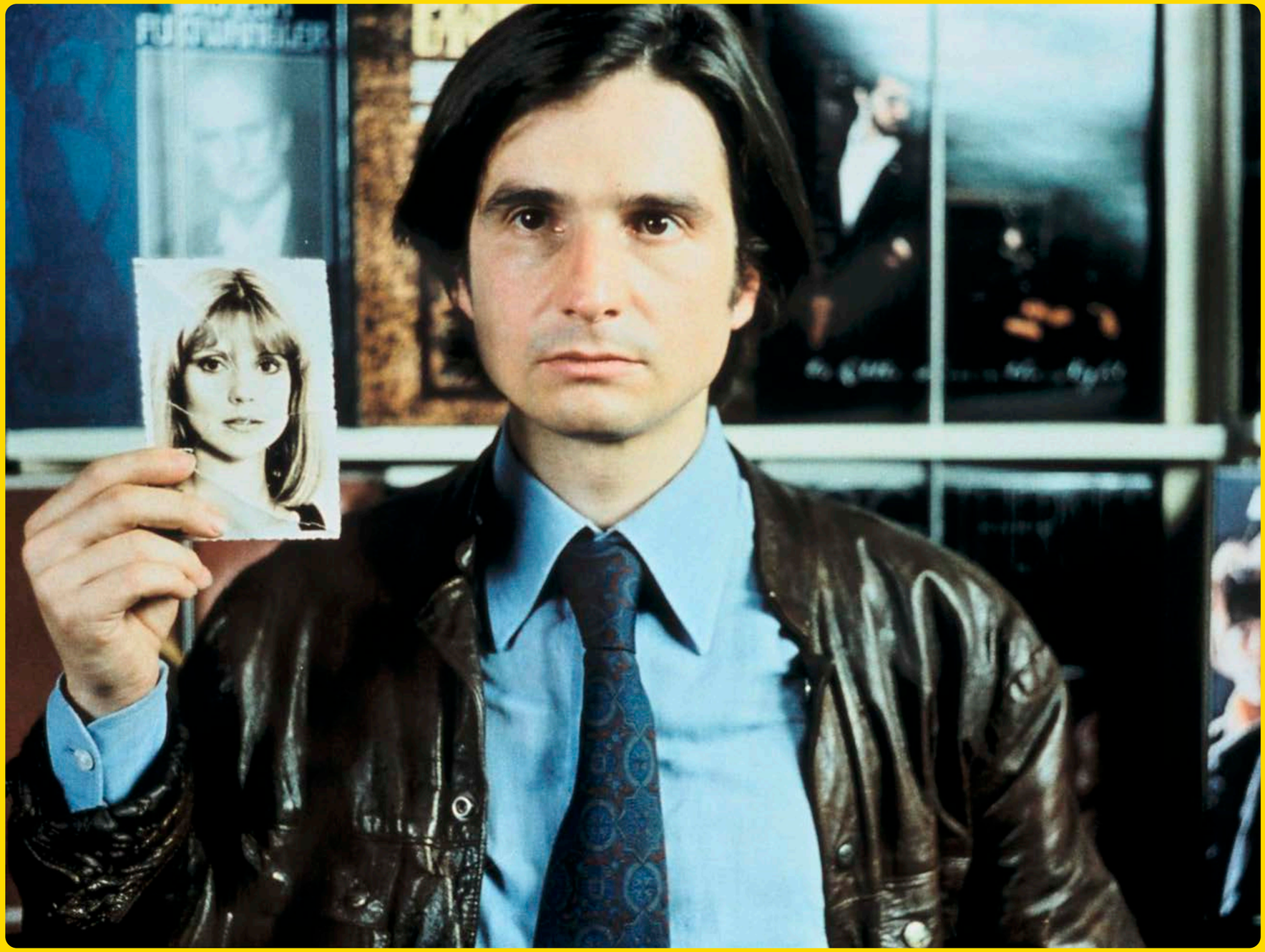
Julien Davenne é um jornalista que mora em uma pequena cidade da França, no fim dos anos 20. Ele ainda está de luto por sua esposa Julie, morta 10 anos antes, e deixa todos os pertences e lembranças dela guardadas num quarto verde da casa onde mora. Quando um incêndio destrói o local, ele convence o sacerdote a restaurar a capela, montando um santuário para Julie e todos os seus amigos mortos.

ELENCO

François Truffaut, Nathalie Baye, Jean Dasté

DIREÇÃO

François Truffaut



L'AMOUR EN FUIT

O AMOR EM FUGA

1979 | 93 MIN | ROMANCE/COMÉDIA | 14 ANOS

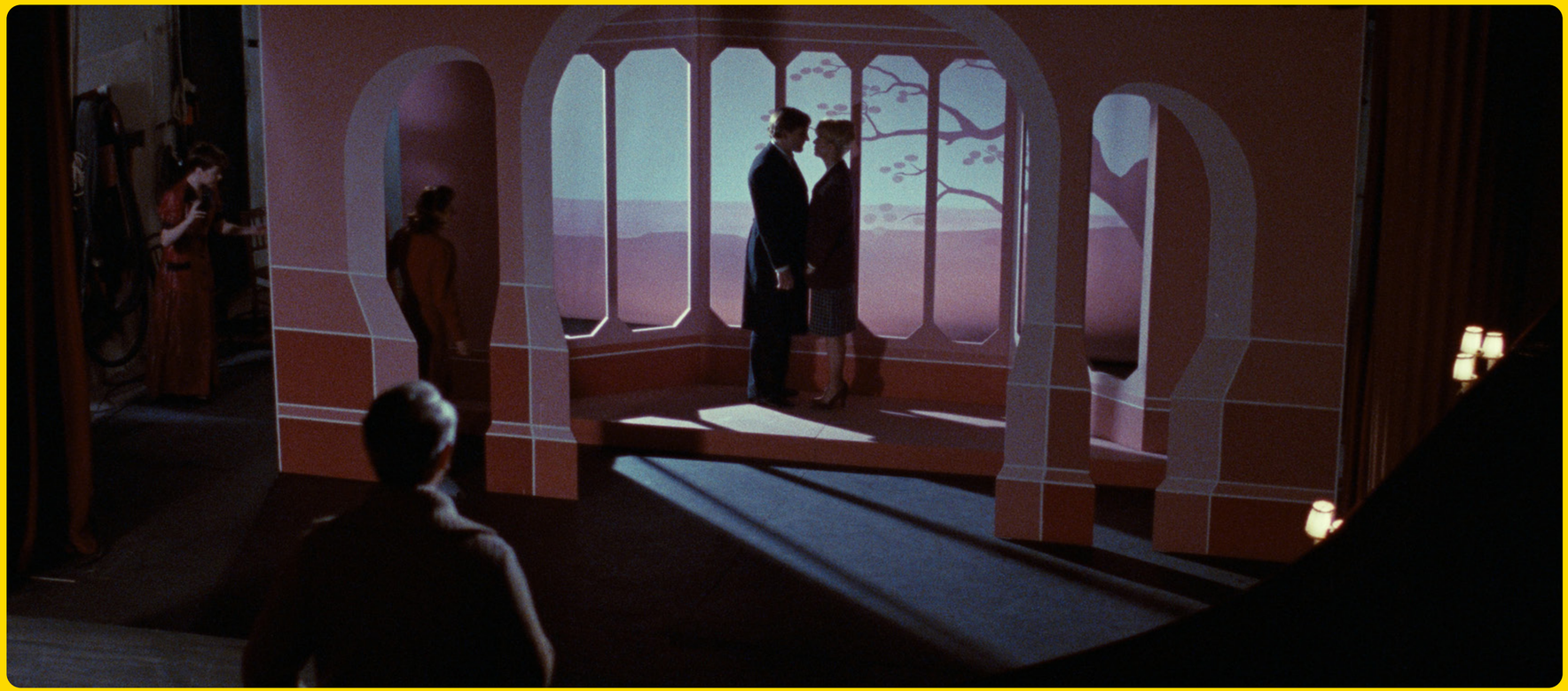
Com 35 anos, Antoine Doinel se divorcia de Christine e reencontra diversos personagens marcantes em sua vida, como Colette, seu primeiro amor. Ao mesmo tempo, conhece Sabine, uma jovem vendedora de discos com quem vive um novo romance. Quinto e último filme da pentalogia de Antoine Doinel, alter-ego de François Truffaut.

ELENCO

Jean-Pierre Léaud, Marie-France Pisier, Claude Jade

DIREÇÃO

François Truffaut



LE DERNIER MÉTRO

O ÚLTIMO METRÔ

1980 | 131 MIN | DRAMA/ROMANCE | 14 ANOS

Lucas Steiner, diretor judeu do Théâtre Montmartre, esconde-se no porão do teatro para fugir dos nazistas, enquanto sua esposa Marion assume a gestão e protagoniza uma nova peça. A companhia lida com tensões, como a atração entre Marion e o novo ator Bernard Granger, sob a vigilância da Gestapo e os toques de recolher obrigatórios.

ELENCO

Catherine Deneuve, Gérard Depardieu, Jean Poiret

DIREÇÃO

François Truffaut

LA FEMME D'À CÔTÉ

A MULHER DO LADO

1981 | 106 MIN | ROMANCE/DRAMA | 14 ANOS

RESTAURADO EM 4K

Bernard vivia feliz com sua esposa Arlette e seu filho Thomas. Certo dia, o casal Philippe e Mathilde se muda para a vizinhança, provocando o reencontro de Bernard e Mathilde, antigos amantes. O relacionamento dos dois reacende e revela o passado, com consequências trágicas.

ELENCO

Gérard Depardieu, Fanny Ardant, Henri Garcin

DIREÇÃO

François Truffaut

VIVEMENT DIMANCHE!

DE REPENTE, NUM DOMINGO

1983 | 110 MIN | COMÉDIA/CRIME | 14 ANOS

RESTAURADO EM 4K

Julien Vercel, um agente imobiliário, se torna o principal suspeito dos assassinatos de sua esposa e do amante dela. Ele consegue escapar da custódia policial e se esconde, auxiliado pela própria secretária, Barbara Becker, que está secretamente apaixonada por ele. Barbara começa a investigar o crime para descobrir a verdade e provar a inocência de Julien.

ELENCO

Fanny Ardant, Jean-Louis Trintignant, Philippe Laudenbach

DIREÇÃO

François Truffaut

CURTAS-METRAGENS

LES MISTONS

OS PIVETES

1957 | 18 MIN | COMÉDIA | 14 ANOS

Durante um verão fervoroso, cinco garotos se dedicam a espiar Bernadette e Gérard, um casal de amantes. Aproveitando que o homem vai em uma expedição alpinista, os jovens enviam para a moça um cartão provocante.

ELENCO

Gérard Blain, Bernadette Lafont, Michel François

DIREÇÃO

François Truffaut

ANTOINE ET COLETTE

ANTOINE & COLETTE

1962 | 30 MIN | DRAMA/COMÉDIA | 14 ANOS

Antoine Doinel tem 18 anos de idade. Em um concerto, ele se apaixona por uma jovem estudante, mas a distância os separa. Por isso, ele se muda para o apartamento de frente para vê-la todos os dias e tentar conquistá-la.

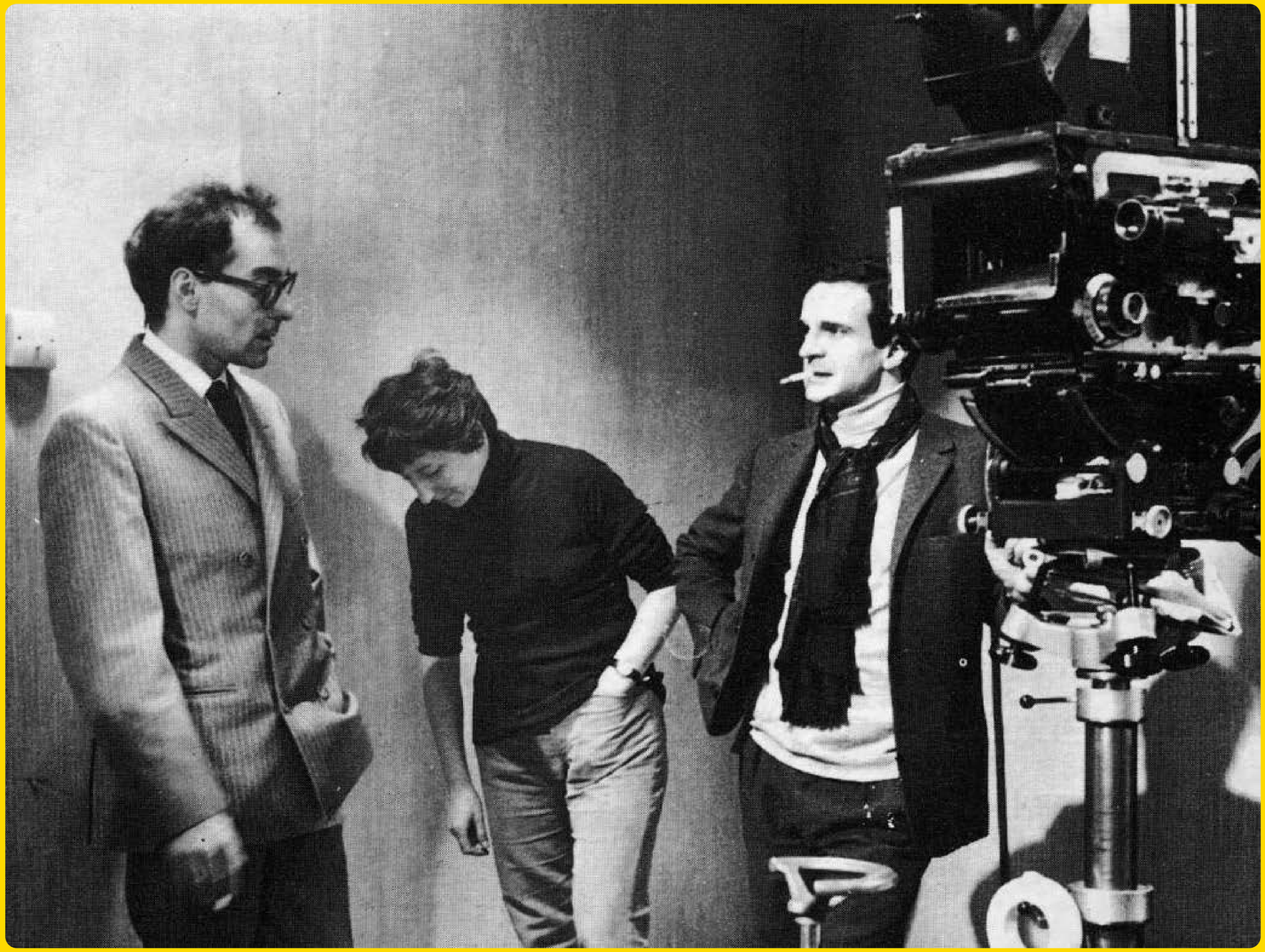
ELENCO

Jean-Pierre Léaud, Marie-France Pisier, Rosy Varte

DIREÇÃO

François Truffaut

DOCUMENTÁRIOS



DEUX DE LA VAGUE

GODARD, TRUFFAUT & A NOUVELLE VAGUE

2010 | 93 MIN | DOCUMENTÁRIO

Jean-Luc Godard e François Truffaut, suas carreiras, sua amizade e o impacto delas nos anos 60 Nouvelle Vague.

DIREÇÃO

Emmanuel Laurent

FRANÇOIS TRUFFAUT OU 'ESPRIT CRITIQUE

FRANÇOIS TRUFFAUT OU O ESPÍRITO CRÍTICO

1965 | 64 MIN | DOCUMENTÁRIO

Evocação da então jovem carreira do Truffaut cineasta, o filme de Chartier inclui entrevistas com atores e colaboradores. Mas a atenção centra-se em Truffaut, que comenta trechos dos seus primeiros filmes. Episódio da série "Cineastas do Nosso Tempo", produzida para a televisão francesa desde 1964.

DIREÇÃO

Jean Pierre Chartier

PROGRAMAÇÃO

GRADE DE EXIBIÇÃO | CINESESC

DEZEMBRO 2025

	QUINTA 11/12	SEXTA 12/12	SÁBADO 13/12	DOMINGO 14/12	SEGUNDA 15/12	TERÇA 16/12	QUARTA 17/12
15h00	Os Pivetes (18 min) Os Incompreendidos (99 min)					A Sereia do Mississipi (123 min)	
18h00		Atirem no Pianista | 4K (85 min)		Domicílio Conjugal (97 min)	O Quarto Verde (95 min)		O Amor em Fuga (93 min)
20h00	O Último Metrô | 4K (123 min)	Jules & Jim (106 min)	Um Só Pecado | 4K (119 min)			Godard, Truffaut & A Nouvelle Vague (Documentário, 90 min)	As Duas Inglesas & o Amor | 4K (130 min)

SEMANA 1 DE 5

GRADE DE EXIBIÇÃO | CINESESC

DEZEMBRO 2025

	QUINTA 18/12	SEXTA 19/12	SÁBADO 20/12	DOMINGO 21/12	SEGUNDA 22/12	TERÇA 23/12	QUARTA 24/12
15h00	Uma Jovem Tão Bela Quanto Eu (98 min)	A História de Adèle H. (96 min)	Na Idade da Inocência (104 min)				FECHADO
18h00		A Noiva Estava de Preto (107 min)	O Garoto Selvagem (90 min)	Atirem no Pianista | 4K (85 min)			FECHADO
20h00	Antoine & Colette (30 min) Beijos Roubados (90 min)	O Homem Que Amava as Mulheres (119 min)		De Repente, Num Domingo | 4K (110 min)	Fahrenheit 451 (113 min)	O Último Metrô (123 min)	FECHADO

SEMANA 2 DE 5

GRADE DE EXIBIÇÃO | CINESESC

DEZEMBRO 2025

	QUINTA 25/12	SEXTA 26/12	SÁBADO 27/12	DOMINGO 28/12	SEGUNDA 29/12	TERÇA 30/12	QUARTA 31/12
15h00	FECHADO		Jules & Jim (106 min)				FECHADO
18h00	FECHADO				Antoine & Colette (30 min) Beijos Roubados (90 min)	A Noite Americana (116 min)	FECHADO
20h00	FECHADO	Os Pivetes (18 min) Os Incompreendidos (99 min)					FECHADO

SEMANA 3 DE 5

GRADE DE EXIBIÇÃO | CINESESC

JANEIRO 2026

	QUINTA 01/01	SEXTA 02/01	SÁBADO 03/01	DOMINGO 04/01	SEGUNDA 05/01	TERÇA 06/01	QUARTA 07/01
15h00	FECHADO	Fahrenheit 451 (113 min)			O Amor em Fuga (93 min)		O Homem Que Amava as Mulheres (119 min)
18h00	FECHADO		Domicílio Conjugal (97 min)	O Quarto Verde (95 min)		O Garoto Selvagem (90 min)	
20h30	FECHADO	A Noite Americana (116 min)			A Sereia do Mississipi (123 min)		François Truffaut ou o Espírito Crítico (Documentário, 64 min)

SEMANA 4 DE 5

GRADE DE EXIBIÇÃO | CINESESC

JANEIRO 2026

	QUINTA 08/01	SEXTA 09/01	SÁBADO 10/01	DOMINGO 11/01	SEGUNDA 12/01	TERÇA 13/01	QUARTA 14/01
15h00			As Duas Inglesas & o Amor | 4K (130 min)		De Repente, Num Domingo | 4K (110 min)		Um Só Pecado | 4K (119 min)
18h00	Na Idade da Inocência (104 min)	Uma Jovem Tão Bela Quanto Eu (98 min)		A Noiva Estava de Preto (107 min)		A Mulher do Lado (106 min)	
20h00	A Mulher do Lado (106 min)			A História de Adèle H. (96 min)			

SEMANA 5 DE 5

A Filmes do Estação, braço de distribuição do Grupo Estação de Cinemas, desde 1990 é responsável por lançamentos de filmes independentes, brasileiros e internacionais, sucessos de público e crítica. Sempre com o propósito de formar amantes do cinema. A distribuidora especializou-se também em relançamentos de clássicos, como Em Busca do Ouro, de Charlie Chaplin e coleções de diretores como Godard, Bergman, Louis Malle, Eric Rohmer, Krzsztof Kieslowski e Cassavetes. Em 2025 brinda o público brasileiro com a mostra ‘Truffaut por Completo”. Em 2026 teremos “De lá pra Cá: Uma Mostra da Varda”.

Filmes do Estação

REALIZAÇÃO

Sesc

PESQUISA, PRODUÇÃO E PROGRAMAÇÃO

FILMES DO Estação

APOIO

INSTITUT FRANÇAIS

CONSULAT GÉNÉRAL DE FRANCE À RIO DE JANEIRO
Liberté
Égalité
Fraternité

CINE CINEMATECA DA EMBAIXADA DA FRANÇA

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Maria Mendes

TEXTOS

Maria Mendes

Pedro Butcher

DESIGN

zaranza
(Ray Zaranza, Rayssa Zaranza, Ton Zaranza)